
EDITORIAL

A alteração dos padrões de alimentação, e o aumento da dependência de monoculturas levaram a importantes mudanças sociais, culturais e políticas, especialmente até o começo do século XX, época em que as questões de saúde eram, em sua maioria, associadas à desnutrição e às doenças infecciosas.

Assim, do ponto de vista da evolução, as mudanças que afetam a saúde da população humana, e que vem sendo muito discutidas, incluem o aumento do consumo de carboidratos provenientes de grãos altamente processados e refinados; o aumento do consumo de açúcar refinado; a redução do consumo de frutas e vegetais de um modo geral. Somam-se a esses, fatores como o aumento da densidade populacional e a distribuição desigual de alimento. o uso crescente de pesticidas e fertilizantes, e sua possível ligação com a exaustão do solo e outros tantos.

Sob essa perspectiva evolucionária, alguns pesquisadores chamam a atenção para as adaptações do organismo humano a alterações de sua dieta. A dieta primitiva era crua, rica em fibras pouco digeríveis e hipocalóricas. Eram grandes, portanto, os volumes ingeridos. Em consequência, um trato gastrointestinal longo e volumoso era necessário para acomodar e processar alimentos volumosos e extrair nutrientes a partir da celulose. Assim, os animais herbívoros têm intestinos mais longos do que os carnívoros.

Entre os seres humanos e outros primatas, aqueles que comem alimentos de baixa qualidade nutricional, têm trato gastrointestinal maior. Como a qualidade da dieta melhorou, concomitantemente ao desenvolvimento de cérebros maiores, houve também uma diminuição do tamanho do trato gastrointestinal. A dieta moderna tornou-se hipercalórica, pobre em fibras e extremamente fácil de ser absorvida. Após uma refeição com essas características, a absorção ocorre rapidamente, em picos, na porção proximal do intestino. A absorção, no intestino distal, tende a ser mínima, o que pode causar uma falta de produção de hormônios anorexígenos. E tem sido descrito que tanto os indivíduos diabéticos como os obesos têm menor produção pós-prandial desses hormônios. Artigo de Santoro S e cols., publicado no periódico *São Paulo Medical Journal*, em 2006, apresentava essa hipótese para a questão da obesidade: os obesos seriam aqueles, na população, que teriam o intestino delgado maior.

O artigo *Anemia ferropriva e obesidade: novos olhares para antigos problemas*, publicado neste número da Nutrire, traz a anemia ferropriva para a pauta dessa discussão sobre a obesidade e suas causas.

Célia Colli
Editora Científica